

**UMA PROZINHA DE ADULTOS: VIVENCIANDO A DOCÊNCIA  
UNIVERSITÁRIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM AFETO E  
INSISTÊNCIA**

**UN DOCENTE DE ADULTOS: VIVIR LA DOCENCIA  
UNIVERSITARIA EN UNA PASANTÍA TUTELADA CON CARIÑO E  
INSISTENCIA**

**Bárbara Simões Barreto de Araújo**  
Universidade Federal da Bahia - UFBA  
barbaraa.biologia@gmail.com

**RESUMO**

O objetivo desse trabalho é relatar minha experiência enquanto docente do componente curricular Estágio Supervisionado em Ciências Biológicas numa universidade federal situada na Bahia. A experiência se dá orientada pelo amor como prática social inspirado na obra da escritora e ativista bell hooks e o ativista político Martin Luther King Jr. A esperança é que todos possamos caminhar rumo a uma sociedade mais amorosa e justa tendo a educação como importante meio para alcançar esse ideal

**Palavras-chave:** amor como prática social; estágio supervisionado; ciências biológicas

**Eixo temático:** 3. Formação docente em Ciências e Biologia

**Modalidade:** relato de experiência pedagógica

**RESUMEN**

El objetivo de este trabajo es relatar mi experiencia como docente del componente curricular de Pasantía Supervisada en Ciencias Biológicas en una Universidad Federal ubicada en Bahía. La experiencia está guiada por el amor como práctica social inspirada en el trabajo del escritor y activista bell hooks y del activista político Martin Luther King Jr. La esperanza es que todos podamos avanzar hacia una sociedad más amorosa y justa con la educación como un medio importante para lograr este ideal.

**Palabras clave:** el amor como práctica social; prácticas supervisadas; ciencias biológicas

**Eje temático:** 3. Formación docente en Ciencias y Biología

**Modalidad:** relato de experiencia pedagógica.

## INTRODUÇÃO

Eu vim para falar de amor e esperança, em especial, para os corações tão fatigados pela dura vida docente de meus colegas Brasil a fora. Falo de um lugar marcado pelas desigualdades sociais e econômicas, mas também do lugar que gerou e pariu Margareth Menezes, Gilberto Gil, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e o Boca do Inferno. Lugar de história, cultura, arte e muita, muita resistência.

Não são poucas as agruras que estados do Nordeste passam para estudar, todas elas atravessando diariamente o imaginário tanto do corpo docente quando discente e, mesmo que ainda não percebamos, molda a forma como pensamos, como nos comportamos, as ideias que projetamos nos outros e o que esperamos quando estamos sentados para assistir a duas horas e meia de aula.

Falar de amor nesse contexto é desafiador, principalmente porque a ideia que fazemos dessa virtude gira em torno de algo romântico e ingênuo. Mas convido o leitor a compreendê-lo de outra maneira: como prática, como ética, como um comportamento orientado por um pensamento coerente e de objetivo focado, a partir de minha experiência em turmas de Estágio Supervisionado em Ciências Biológicas numa Universidade pública situada na Bahia. Minha esperança é contagiá-los com esse profundo entusiasmo, afeto e fé que tenho na educação brasileira.

### ***EU SOU APENAS UMA MOÇA LATINA-AMERICANA, SEM DINHEIRO NO BANCO, SEM PARENTES IMPORTANTES E VINDA DO INTERIOR***<sup>1</sup>

Ainda quando era estudante do Estágio Supervisionado na Licenciatura em Biologia, entre 2013 e 2014, no interior da Bahia, tinha a certeza que queria ser professora a vida inteira. Lembro de dizer isso ao meu professor orientador do componente curricular. Via a escola como um espaço de grande potência para a transformação social, além de um campo fértil para o desenvolvimento de valores com vistas ao bem social. É possível que eu estivesse envolvida numa grande alucinação que, ao que parece, perdura até hoje sem remédio ou condição. Também não queria sair dela, apenas queria que fosse uma alucinação coletiva. Mas, infelizmente, não tive muitos com quem compartilhar esse enorme amor pela docência à época.

---

<sup>1</sup> Referência à música Apenas um rapaz latino americano de Belchior

No ápice do meu envolvimento enquanto estagiária, recebi não sem enorme tristeza a pergunta, aparentemente retórica, de alguém importante “você é meio doida, mas até que sabe dar uma aula, né?”. Como dizem aqui na Bahia, toquei o barco.

Aprendi muito enquanto aluna e ainda aprendo. A escola, assim como a universidade, sempre foi para mim um lugar de felicidade e prazer, muito embora eu tenha padecido nas mãos de alguns colegas de classe e, por que não, professores também. Mas foi assim que aprendi a ser atenta aos meus estudantes, reconhecendo neles coisas que eu outrora vivi, ou li sobre alguém que viveu, ou vi alguém vivendo. Aprendi principalmente como gosto de ser tratada, de ser ouvida e de ser respeitada. Aprendi a tratar, a ouvir e a respeitar. Compreendi, além, que “um grande trabalho começa com um grande sentimento” (GOLEMAN, 1995, p.121). E o sentimento que me leva todos os dias para a sala de aula é o de amar e esse sentimento foi fortemente influenciado por bell hooks e Martin Luther King Jr.

Como aponta hooks (2021), a primeira escola em que aprendemos sobre o amor é nossa casa. Esse aprendizado nem sempre é da maneira mais satisfatória para fins de uma sociedade mais respeitosa. Por exemplo, bater numa criança/adolescente por algum erro cometido além de dizer para ela que o fez para o bem e porque a ama, é um meio distorcido de justificar uma agressão que é tão física quanto psicológica utilizando a virtude mais nobre como pretexto. Ninguém sai ileso. Quem machuca, mata a alma, a envenena com sentimentos degradantes e vis que, pouco a pouco, ainda que não perceba, corroerá seu espírito. Quem apanha, algo de si vai embora. Vai embora para nunca mais voltar. Adoece os sentimentos, mingua os sonhos, fenece a alegria de vida e apaga o brilho. Quem vê é parte. Não se livra da memória.

Esse é só um dos poucos exemplos de adoecimento de nossos sentimentos que refletem a maneira como crescemos, como olhamos para nós mesmos e para os outros. Some-se a isso, todos os problemas sociais e contingenciais a que estamos submetidos. Vira um sistema de retroalimentação. Mesmo assim, enquanto crianças, ainda que adoecidos, procuramos em todos lugares um pouco de afeto, um pouco de carinho, as vezes até de maneira distorcida. Ainda no colegial, encontramos estudantes muito dispostos ao afeto. Eles lotam os corredores, correndo de um lado para o outro gritando nosso nome, entregando doces e recortes de cartas. Ou ficam num cantinho retraídos esperando um olhar mais cúmplice e empático. Um grande potencial para o amor.

Quando fui professora do segundo ciclo do ensino fundamental, percebi isso com mais frequência. Quis dar amor para todas as crianças. Indistintamente. Talvez seja por isso que ganhei delas o vocativo de *prozinha*. É um bonito diminutivo. Um diminutivo que me fazia agachar e olhar nos olhos da criança, o diminutivo que me abria os braços e ouvidos com atenção para aqueles problemas que me pareciam tão simples. Ou, ainda, parar toda a aula para tentar resolver aqueles que pareciam mais sérios. Eu gostei de ser *prozinha*. Ser *prozinha* me humanizou, iluminou meus dias, fez aquecer o coração e deixou meus olhos marejados. Ser Professora Bárbara Araújo é que é estranho. “Ô, Professora Bárbara Araújo, por favor...”. Vê, parece *mainha* com as mãos na cintura dizendo “vem aqui agora ou eu te pego!”.

Mais de dez anos depois, compreendo o que é aquele “meio doida”. É aquele quê de envolvimento, de entusiasmo, de esperança e profundo amor pela sala de aula. Esse combo de sentimentos que nos joga na alucinação que, espero um dia, coletiva. Continuo meio doida, agora não mais estagiária, mas professora numa Universidade Federal lecionando para turmas de Estágio Supervisionado em Ciências Biológicas. Há sério risco de parecer inadequada ao cargo. E o que eu acredito que vai acontecer? E eu sei! Só quero deixá-los meio doidos também.

### ***AMAR E MUDAR AS COISAS ME INTERESSA MAIS***<sup>2</sup>

Amar. Verbo transitivo direto. Isso quer dizer que é um verbo que necessita de um complemento. Não se ama e ponto. Se ama, ama algo ou alguém. Acho que foi assim que aprendi na gramática. Sucede que, às vezes, é difícil demais amar o complemento. O complemento parece pedir pra ser odiado e esquecido. Quem é professor sabe. Sabe sim e não adianta me olhar com espanto e julgamento.

Resposta não tão simples eu tenho para isso. Eu não. O povo. “Ame o seu próximo como a ti mesmo”. Então a coisa ficou mais estreita. Amor próprio é algo sofisticado e de difícil alcance, principalmente para aqueles que não experimentaram a saúde que ele pode oferecer na construção da personalidade. É quase fácil para mim falar sobre amore esperança já que minhas experiências, ainda que não todas, me levaram por esse caminho. Talvez, todas as experiências se entranharam em minha estrutura de tal forma que já não reconheço outro caminho. Tornou-se congênito.

---

<sup>2</sup> Referência à música Alucinação interpretada por Belchior

Estamos diante de um impasse não tão simples como pode parecer: Não recebi amor e não sei amar, o que fazer? Talvez bell hooks (2013) tenha uma boa resposta para isso. Autotransformação através do próprio amor. Isso, para mim, significa uma redescoberta de si. Uma releitura da nossa história de vida. Uma nova visão de nossas contingências. O reconhecimento de nossas ambiguidades, e, portanto, dos outros também. O reconhecimento de que estamos quase todos feridos e utilizando nossos recursos para sobreviver. Eu, professora. Meus alunos, alunos. Todos irremediavelmente humanos tentando nos manter vivos. Todos, um mundo inteiro de possibilidades, de potencialidades, de memórias, de feridas, de afetos e sentimentos. Não há nada mais delicado e nobre que isso: a possibilidade de tocar esse universo com respeito e amor, de tal forma a ajuda-lo a transformar-se. Assim como o ressentimento e o ódio contagiam como *a onda*<sup>3</sup>, o amor também. Um amor prático e ativo.

Então é possível redirecionar nossos sentimentos, nossas energias para algo diferente, com vistas a uma sociedade diferente da que temos. Se queremos uma transformação, precisaremos saber o que teremos no lugar daquilo que temos hoje: se a mesma história contada de maneira diferente ou realmente uma sociedade mais amorosa e solidária. Como afirmou Luther King Jr. “De um lado, devo tentar transformar a alma dos indivíduos para que suas sociedades possam ser transformadas. De outro, devo tentar transformar as sociedades para que a alma do indivíduo sofra uma mudança” (2014, pág.33). E assim se deu um dos maiores movimentos por direitos civis na história dos Estados Unidos da América e do mundo, em 1955. Para isso, não foi necessário reivindicar um amor romântico, como estamos acostumados a pensar, mas um amor ético, prático, que molda nosso comportamento e, por tabela, nossas mentes e viceversa. Para isso, foi necessária uma crença comum independentemente de serem pessoas com diferentes DNAs: uma sociedade mais justa. A sociedade mais justa não beneficia apenas os desprivilegiados de agora, mas a todos. Talvez esse deva ser nosso complemento a ser amado. A sociedade mais justa. E isso não se constrói com base em sentimentos sofridos como o ódio e o ressentimento. Ainda como diz bell hooks (2013), com base no amor nos autoatualizamos, deixamos para trás os sentimentos que nos envenena a alma e nos disponibilizamos a abraçar a mudança.

---

<sup>3</sup> Referência ao filme *A Onda*, lançado em 2009 no Brasil, dirigido por Dennis Gansel e escrito por Ron Jones e Todd Strasser.

## *A MINHA ALUCINAÇÃO É SUPORTAR O DIA-A-DIA E MEU DELÍRIO É A EXPERIÊNCIA COM COISAS REAIS<sup>4</sup>*

Parece que Belchior não estava muito interessado em teorias. Eu também não. Não agora. Quero a experiência com meus alunos e, a partir disso, construir o conhecimento sobre o mundo. Sobre os mundos.

Esses mundos, por vezes, pareciam cansados, sobrecarregados, com pouco tempo para ler, com pouco dinheiro para ir à universidade, ou até pouca disposição dada a longa distância de casa até a universidade. Outros trabalhavam tanto, seja dentro ou fora da universidade, que percebia quase seus olhinhos fechando de tão sonolentos. Outros, o sono se dava pela quantidade de medicação que tomavam, seja para alergia ou para ansiedade. Como eu soube de tudo isso? Conto depois. Só adianto que não é possível não considerar tudo isso quando se começa a aula.

Sempre achei que dar aula na universidade seria um desafio grande demais para mim. Sair do segundo ciclo do ensino fundamental para o ensino superior me colocava num lugar de grande medo e inadequação. A primeira coisa que ouvi, no primeiro dia de aula enquanto tentava abrir a porta da sala, foi algo como “o professor deve chegar logo”. Não lembro se foi exatamente assim, mas sei que fazia referência a alguém que não eu. Ao passo que respondi gentilmente que eu era a professora. Não foi por mal a fala, talvez eu aparento ser alguém juvenil (como dizem), com elementos pouco docentes e mais discentes, enfim. Isso ratificou meu sentimento de apreensão frente a uma turma de graduação, o que durou pouco porque tive a maravilhosa experiência de ser bem recebida, compreendida e, sobretudo, aceita com meus processos psicológicos confessos mais tarde a eles.

A primeira coisa que disse às minhas turmas foi “até o fim do semestre, eu saberei até o número da casa de vocês”. Foi assim que fiquei sabendo dos remédios que tomavam. Todos levamos muito a sério esse comunicado. Gostaria de poder expressar o riso que agora dou em palavras sem ser corrigida pela linguagem formal.

Uma das experiências mais marcantes que tive numa de minhas turmas e que jamais serei capaz de esquecer, foi com uma turma de estágio III sobre afetividade. Sem disposição para levar um artigo científico sobre afetividade e educação, resolvi seguir os passos de bell hooks (2013). Pedi que cada um da turma levasse um objeto pessoal com

---

<sup>4</sup> Referência à música Alucinação interpretada por Belchior

valor afetivo e que, na medida do possível, estivesse disposto a comentar sobre ele. Na semana seguinte estávamos todos em círculo com nossos objetos. Uma aluna, muito gentilmente, levou lanche para toda a turma. Como diria Rubem Alves, cozinhar é um grande ato de amor. É pensar nas pessoas que comerão, é dispor de seu tempo curto para comprar o que é necessário, é dosar o tempero para que o outro goste daquilo que come, é separar um espaço na mochila para levar o lanche sem estraga-lo, é saciar a vontade do corpo e fazer um carinho na alma. Comer o que alguém cozinha é um grande ato de confiança, é ter coragem de comer aquilo que não se viu cozinhar, é reconhecer a gentileza e esforço do outro em preparar a comida, é aceitar o carinho e oferecer um de volta.

Assim, logo estávamos falando de nossos objetos. Qual minha surpresa foi com os relatos tão íntimos, por vezes dolorosos e profundamente tocantes, que ouvimos. Sabera história que aquelas pessoas trazem e que as atravessam tanto psicologicamente quanto cognitivamente. Que ditam intenções e comportamentos, que demonstram passos e guiam ações. Também os relatos felizes. Os lugares que fazem rir, que fazem ter esperança de vida. Para aprendermos a construir uma sociedade mais amorosa e justa é preciso que tenhamos a mínima certeza de estarmos num lugar seguro e acolhedor. Precisamos criar esse lugar na sala de aula e fizemos isso. Contamos nossas histórias, ouvimos as histórias dos outros. Eu, enquanto professora, pude compreender um pouco das necessidades do espírito de cada um e isso tornou meu ensino mais direcionado e empático. Também me humanizei, falei de mim, do meu objeto e dos lugares que doem ou aliviam. As aulas precisam funcionar assim, como um “mata-fome”, seja lá de qual fome estejamos falando: se de teoria ou de afeto.

Tive a oportunidade de criar laços que ultrapassaram os muros gélidos da universidade. Pude deitar na grama com alunas que se tornaram amigas para ver o céu e esperar a aula começar, conheci o Restaurante Universitário acompanhando outra aula, compartilhamos almoço quase em formato de piquenique, aprendi a diminuir o percurso até minha casa pegando metrô com minhas alunas também. E mandamos mensagens quando chegamos. Inclusive, querida aluna/amiga que me emprestou um cartão de passagem, eu vou devolver, só não sei o dia. Também foram elas que me deram e continuam dando suporte emocional num momento pessoal difícil. É choro para todos os lados. Todos os outros também o fizeram à sua maneira. Recebi mensagens de carinho, agradecendo a compreensão e cuidado. Muitos lanches, comi todos. Ganhei

muitos apelidos, os mais queridos, obviamente, são *prozinha* e *prozi*, que muito amavelmente me deram. Também fiquei feliz por saber que, de alguma forma, diminui o *peso* do semestre e o medo da sala de aula, como dizem eles. Percebi que, ao contrário do que sempre me alertaram, não gerei falta de respeito pelo “excesso liberdade”. O vínculo que construímos, o amor que criamos não permitiria.

Estou convencida de que é esse o meu papel enquanto educadora. Levar conhecimento e, acima de tudo, esperança e afeto para meus alunos, independente se do fundamental II ou do ensino superior. A fome é a mesma e há uma sociedade amorosa nos esperando.

## CONCLUSÕES

Não tenho conclusões. Aliás, tenho-as sim. Quero que o amor se torne o ideal moderador na nossa sociedade, que faça parte da nossa ação. Ou melhor, que nossa ação reflita esse amor. Concluo o que concluí já em 2013: quero ser *prozinha* para sempre e quero ser imortal também. Disse Rubem Alves em 2021 que ensinar é um exercício de imortalidade e eu acredito. Também concluo que tenho uma grande e irresistível vocação para ser *doida*, irremediável. Tentei, mas não sei ser diferente. Por fim, minha última conclusão é o amor. O amor e a esperança de que o tempo, ainda que revele a fragilidade da minha matéria humana, não prive de mim as memórias que construí com meus estudantes até aqui. Por favor, não me tirem de minha alucinação!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Ao professor, com carinho. A arte do pensar e do afeto.** 1ªed. Editora Paidós, 2021.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** 46.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

hooks, bell. **All about love.** 1ªed. Editora: Harper Perennial. 2021.

\_\_\_\_\_ **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo Martins Fontes, 2013.

LUTHER KING, Martin. **A autobiografia de Martin Luther King.** Organização Clayborne Carson. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.